

Prologo.

1.
LM-0095

Na vida de relações ou psychologica
faz-se preciso distinguir dois movi-
mentos; um de fóra para dentro, e
outro, de dentro para fóra.

As primeiras correspondem a
actas que têm por ponto de par-
tida um objecto exterior; e as
segundas, correspondem a inclina-
ções para com este mesmo objecto,
excitadas pela impressão que elle
produz no orgão respectivo.

Esta dupla funcção, que se verifica
tanto no homem como no animal,
~~é~~ é conhecida com os nomes
de facultades appetitivas ou sensiti-
vas inferiores e superiores, isto é,
intellectuales.

As facultades sensitivas, tanto no

LM 0095

PSICOLOGIA ASCÉTICA

Índice

Prólogo-1

Capítulo I- Sobre o senso comum-3

Capítulo II- Sobre a estimativa ou discernimento-4

Capítulo III- Sobre a liberdade-5

Capítulo IV- Sobre as encarnações da imaginação-6

Capítulo V- Sobre o dinamismo psíquico-9

Capítulo VI- Sobre o corpo e a alma-11

Capítulo VII- Sobre o concurso material da alma-12

Capítulo VIII- Sobre a vontade-14

Capítulo IX- Sobre a orientação da vontade-16

Capítulo X- Sobre a vontade e seus distúrbios- 19

Capítulo XI- Conseqüências-20

Capítulo XII- A inteligência- 18

Capítulo XIII- Sobre a mutua e relativa independência entre a alma e o corpo- 19

Capítulo XIV- Sobre a consciência- 21

Capítulo XV- Sobre as idéias- 22

Capítulo XVI- Sobre a força dinâmica das idéias- 22

Capítulo XVII- Sobre a Liberdade- 24

Capítulo XVIII- O bom hábito adquirido- 26

Capítulo XIX- Sobre as paixões- 51

Capítulo XX- A neurose da alma- 28

7

Capítulo XXI- Uma ação salutar- 35 e 36

5, 4

Capítulo XXII- Homens ou animal- 37

6, 5

Capítulo XXIII- As tentações violentas- 39

8

Capítulo XXIV- Os excessos- 40

9

Capítulo XXV- Conseqüências fatais- 41

2

Capítulo XXVI- Tendências e suas variedades- 41

3

Capítulo XXVII- Impossibilidade aparente- 42

Capítulo XXVIII- Precauções necessárias- 44

2

Capítulo XXIX- Donde procede a pendor, etc...45

5

Capítulo XXX- Uma falsa conseqüências- 46

Prólogo

Na vida de relação ou psicológica faz-se preciso distinguir dois movimentos, um de fora para dentro, e outro de dentro para fora.

Ao primeiro, correspondem os atos que tem por ponto de partida um objeto exterior, e ao segundo, corresponde a inclinação para com este mesmo objeto, suscitada pela impressão que ele produziu no órgão respectivo. Esta dupla função, que se verifica tanto no homem, como no animal é conhecida com o nome de faculdades apetitivas ou sensitivas inferiores e superiores, isto é, intelectuais.

As faculdades sensitivas, tanto no homem como no animal, não atribuímos somente ao corpo ou à alma, se não a uma terceira substância que resulta da união da alma com o corpo.

No animal estas inclinações têm por objeto o particular e concreto, no homem, porém, elas se estendem também ao abstrato e universal. Além destas inclinações há outras que, tem por fim, a conservação do indivíduo e da espécie. São os do apetite sensitivo natural.

Daqui deduzimos que, qualquer perturbação ou desvio mais ou menos notável dos centros nervosos fará com que o indivíduo entre em um estado anormal que contribuirá para perturbar as operações que se referem à vida de relação entre o psiquismo intelectual e o animal ou sensitivo.

E um dos grandes fatores destas perturbações tem sua origem nas paixões,

salientando-se entre elas, a da afeição a qual podemos reduzir todas as outras paixões, não só as que se referem ao concupiscível, mas também ao irascível.

Daqui se deduz que, pelo fato do homem gozar de liberdade de ação e de eleição, tem a obrigação e o dever de submeter aos ditames da razão todos estes movimentos ou tendências; ainda que harmonizem com as inclinações do psiquismo animal, e não só quando à substancia, mas ainda quanto aos acidentes ou as circunstancias concomitantes, muitas vezes contrárias aos seus deveres, vocações e posição social.

Tendências, Suas variedades

As tendências humanas correspondem as três faculdades que possuímos; isto é, à inteligência, à vontade sensibilidade e à vontade, as quais tem os seus objetos adequados.

Assim a virtude da inteligência que o homem tende ao verdadeiro, ao bem, ao obsoleto e ou universal.

É pelas (?) as faculdades sensitivas que ele tende ao belo, ao estético e ao sublime. E é finalmente em consequência dos atos da vontade que ele se sente naturalmente inclinado a possuir, a mandar, a procurar e conservar o bom nome, a estima e a consideração.

Estas tendências quando são demasiadas ou mal orientadas, degeneram em vícios e paixões; as quais podem ser reduzidas as tendências do amor passional mal orientado ou degenerado.

Pelo contrário, quando bem dirigido pelos ditames da razão só podem construir para a integridade moral, intelectual e psíquica da criatura racional.

Infelizmente são bem poucos os que conseguem um domínio absoluto sobre as suas paixões e maus instintos; porque, em geral, os motivos que os levou a dominá-los são puramente naturais, e as paixões que, sem um auxílio especial da graça é impossível, humanamente falando, vencê-las, não obstante a boa vontade e os esforços que empregamos.

O pendor que a vontade sensitiva manifesta, arrastando muitas vezes a vontade intelectual, procede, em geral, do mau hábito, o qual, antes de qualquer determinação da vontade propriamente dita, age impulsionada pelo automatismo desenfreado.

Porque, conquanto a causa material das paixões e maus instintos resida no psiquismo animal, não obstante isto, a causa formal reside na alma, a qual com o corpo que ela informa, goza a seu modo. E é por isto que afirmamos que o pecado está na alma e que as paixões e maus instintos estão no corpo.

Assim é que, se a alma humana fora como a do animal, o homem não poderia pecar, embora, como o animal, tivesse as más paixões e maus instintos; porque neste hipótese, carecendo do livre arbítrio, as más tendências, semelhantes as do animal, constituíram para ele uma lei fatal, da qual nunca se afastaria.

Quem, portanto, goza, não é nem só a alma nem só o corpo, mas a alma e o corpo na unidade da personalidade humana; isto é, o homem.

A alma goza a seu modo por intermédio do corpo que ela vitaliza, e o corpo por sua vez, goza, porque informado pela alma, percebe as impressões que chegou ao corpo da consciência sensitiva.

Mas que gozo é este?... É o gozo que resulta dos movimentos da alma, provocados pelo mesmo objeto que modificou o psiquismo anima vai se refletir no psiquismo intelectual; o qual, tratando-se de objetos proibidos pela lei divina, constitui o pecado, se houver prévio conhecimento do mal e pleno consentimento.

Uma falsa conseqüência

Neste caso o animal está em melhores condições do que o homem; porque impulsionado pelos seus instintos, não peca nem quando tende(sic) nem quando goza. Sim tudo o que acabeis de dizer é uma verdade; mas também é verdade, que além desse gozo material e puramente animal, não lhe é dado experimentar as conseqüências do lutar e reagir contra estas tendências pecaminosas, que sem esta luta e reação consciente, o reduziria às condições de um ser irracional, e perderia uma ocasião de elevar-se sobre si mesmo e de tornar-se, pelos merecimentos de Jesus Cristo, cada vez mais digno de quem o criou para si e para sua glória.

E é por este motivo, que Deus permitiu que o homem fosse tentado pela própria concupiscência e por Satanás, afim de que ele tivesse ocasião de reconhecer o

seu supremo domínio sobre ele; preferindo a sua graça a todos os prazeres que o mundo, a carne e Satanás lhe sugerissem.

Disposição admirável, em que reconhecemos que as conseqüências da culpa original é mais uma conseqüência da sua misericórdia e do desejo ardente que ele tem que, cooperado(sic) à sua graça, possamos, pelos merecimentos de Jesus Cristo, atingir aquela gloria que há séculos, ele tem preparada para aqueles que o souberam acompanhar com a sua cruz às costas, para com ele reinarem eternamente.

Terrível disposição, ao mesmo tempo da sua justiça, que, permitimos que o espírito das trevas nos tente e que, aproveitando-se dela o tentador, para nos perder, tem contribuído, não só para que as sua vítimas se salvassem, mas também argumentar os seus merecimentos para a vida eterna. Tornando assim, mais intensos os seus sofrimentos eternos, desde aquele dia em que ele ousou tentar a primeira mulher no paraíso terrestre.

A impossibilidade aparente

Não só para os que vivem da vida do século parecerá impossível a observância de certos preconceitos; mas também para muitos que crêem e praticam a religião. Mas tudo isto não passa senão de uma sugestão de Satanás ou do amor próprio, o qual quisera vencer-se só com os próprios esforços e atividade natural; procedendo não obstante isto, em prática, de tal forma que com os fatos estarem se contradizendo a cada passo sem que o percebam. E a razão disto está em que eles vivem em um falso suposto, qual é o de pensarem que para vencerem certas tentações veementes, é suficiente a boa vontade aliada aos próprios esforços e atividade natural.

O que se faz necessário é que, depois de convertidos, queiram de fato fazer violência a si próprio, cooperando a graça com muita prontidão e generosidade; porquanto esta cooperação já constitui numa graça a qual Deus não costuma conceder a não ser que reconheçamos a sua necessidade e a peçamos com constância, humildade e perseverança.

E suposto que assim procedam, só lhes resta aproveitar das ocasiões ainda insignificantes, para mostrarem o seu desejo eficaz de perseverar no bem, secundando todas as inspirações divinas que por ventura lhes forem sugeridas por intermédio do próprio confessor ou de quem os dirige no caminho da perfeição cristã.

E vós quiserdes convencer do que acabamos de dizer; pondo em prática, antes de tudo, a modéstia sistemática para com vós mesmos, sobretudo com relação à vista e ao tato.

No começo, encontrareis alguma dificuldade, pelo mau hábito adquirido, porém, se perseverardes; em virtude dos hábitos contrários aos de outrora, experimentareis tal bem-estar que muito contribuirá para que possas progredir com grandes passos nos caminhos que conduzem a perfeição.

Pelo que, quando, sem voltardes para atrás, só cuidareis em avançar; com o volver dos tempos, quase que não sentireis o peso do invólucro da matéria; porque vosso corpo começará a viver mais da vida e das sugestões do espírito do que matéria. E muitos pecados veniais e imperfeições que tanto nos atribulavam e impediam o vosso progresso espiritual, hão de desaparecer quase por encanto. E o que mais vos há de admirar é que as provações de outrora, já não produzirão aqueles efeitos que tanto vos desanimavam e vos pareciam insuperáveis, em vista do bom hábito adquirido e a graça santificante conservados habitualmente em vossas almas, agora unida com Deus.

Sobre o senso comum

O senso comum ou consciência sensitiva é o órgão por excelência da vida de relação, porque é pelo seu intermédio que o indivíduo tem conhecimento do que se passa no mundo exterior.

O órgão correspondente à consciência sensitiva é o encéfalo ou o sistema cérebro-espinhal, o qual está ligado a cada um dos órgãos da periferia pelo sistema nervoso.

A consciência sensitiva, por este motivo, está em relação sincrônica com todos os sentidos e percebe todas as sensações e as diferencia.

Ela tem dois objetos em cada uma das causas que a impressionam: um próprio e direto, isto é, a sensação; e um outro indireto ou secundário, isto é, o que corresponde a cada um dos sentidos.

Pelo que, sem o auxílio dos sentidos e do órgão correspondente à consciência sensitiva, os fenômenos da vida de relação se tornariam impossíveis; porque é sobre os dados fornecidos pelos sentidos, que são elaborados os produtos da vida de relação entre o psiquismo animal e o psiquismo intelectual.

Sobre o discernimento

A estimativa ou discernimento é a faculdade instintiva que pelo qual o homem e o animal tem de distinguirem o que lhe convém ou não. É uma faculdade interna a qual tem por órgão o cérebro informado pela alma e é o que constitui, propriamente falando, a inteligência do animal ou a consciência sensitiva.

No homem, a estimativa é incomparavelmente superior a do animal, porque ela participa das qualidades das faculdades intelectuais.

E, assim como o homem, também o animal, pode discernir o que lhes convém ou não; o animal em conseqüências de um conhecimento material e instintivo que traduz para ele uma lei fatal; não acontece, passar o mesmo com o homem que, além do instinto natural, possui a inteligência a qual ele deve amoldar-se, sem se deixar levar cegamente pelo instinto material como o animal.

E é precisamente este duplo instinto racional e material, que dão origem a esta dupla tendência, a qual São Paulo dá o nome de lei, porque realmente as inclinações da carne constituem uma lei do pecado, assim como as da razão, iluminadas pela fé, constituem uma lei da graça.

Sobre a liberdade

Conquanto a liberdade proceda da inteligência, é não obstante isto, um ato de vontade.

Pelo que, se o indivíduo não estiver em condições de poder determinar-se; isto é, se lhe falta a liberdade, ele não poderá agir como ser racional.

E esta é a razão porque ele em estado hipnótico, agindo sob o império da sugestão, é irresponsável pelos seus atos, a não ser que se prove o contrário.

Porquanto o exercício do livre arbítrio, até certo ponto, depende do estado do organismo e ainda mais das condições morais e materiais em que o indivíduo se acha. Pois, as duas faculdades que diretamente cooperam para o ato livre; isto é, a inteligência e a vontade, dependem em seu exercício das faculdades sensitivas.

Elas estão sujeitas a certos órgãos, e portanto, o seu funcionamento normal,

está subordinado à integridade funcional do organismo.

Pelo que é necessário levar em conta as condições do indivíduo tanto psíquicas como morais e intelectuais, o temperamento, as propensões inatas e adquiridas, como também o meio em que vive; porque tais condições e circunstâncias muito podem influir sobre o exercício do livre arbítrio.

Em nosso caso, ainda assim o indivíduo é sempre responsável; conquanto possa encontrar um atenuante a seu favor em tais circunstâncias constituídas.

Porque ainda que a vontade seja o princípio dos atos necessários; em presença de um bem que lhe foi apresentado pela inteligência, ela o secunda necessariamente. Porque, apesar de possuir a faculdade de pensar ou não em alguma coisa; contudo, se voltarmos a nossa atenção para esta cousa com um certo agrado, ainda que obliquamente, não podemos, deixar de a desejar, e, por com seguinte, também tudo aquilo que, no momento, nos parecesse necessário para a conseguir.

Mas tudo isto que nos parece necessário para completar a nossa felicidade real ou aparente, quando entramos na posse do objeto desejado; compreenderemos perfeitamente que neste caso o exercício da vontade não era necessário senão para nos orientar na aquisição deste objeto; pois, se fosse necessário em si, não mudaríamos de opinião da noite para o dia, como tantas vezes sucede.

Sobre as criações da imaginação

A imaginação pode formar novas imagens provenientes de outras imagens ou noções objetivas pré-adquiridas que ficam armazenadas na memória sensitiva. Não pode, porém, reduzi-las a realidade, senão for solicitado pelos sentidos.

Posta, porém em ação, poderá só por si agir e fantasiar coisas, muitas vezes, sem pé nem cabeça; como sucede nos sonhos e, ainda mesmo, em estado de vigília.

Porque, cessante a ação dos sentidos, ainda assim, a fantasia continua, muitas vezes, a pesar(sic) por conta própria e do automatismo, edificando mil castelos no ar.

De forma que, se a fantasia não cessar de operar, nada poderá impedi-la que associando as idéias e as imagens pré-adquiridas componha várias outras idéias ou imagens, não obstante não se encontrarem os seus objetos correspondentes, e não só

com relação a objetos sensíveis e materiais; mas ainda com relação a objetos imateriais e espirituais, os quais, conquanto falsos, errôneos, sem nexos e contraditórios, contudo, constituem uma realidade subjetiva, porque a alma julga os objetos pelos seus fantasmas correspondentes suscitados pela imaginação.

Assim é que, se a consciência sensitiva não funcionar, os produtos da inteligência, as suas apreensões e subseqüentes raciocínios serão igualmente falsos, errôneos, sem nexos e contraditórios, não obstante o indivíduo se mostrar convencido do contrário.

Mas isto se dá quando ele se acha em estado de poder raciocinar, embora erroneamente.

Há casos, porém, em que o raciocínio se torna impossível, como acontece com o indivíduo que inteiramente sob a ação da fantasia ou do automatismo desfocado.

Ele agira, então, como um autômato, cujos movimentos e operações não são mais do que uma resultante da ação reflexa dos centros nervosos provocada pelos objetos que atuarem sobre a fantasia.

E, neste caso, ele se acha na condição de uma pessoa que sonha, sem que possa conscienciar(sic) o que se passa em um interior em volta de si. E é bastante olhar para o seu semblante para se perceber que ele age e vive sob o indivíduo da vida puramente orgânica ou vegetativa.

A sua atenção está abolida ou, pelo menos, muito dispersa; pelo que se torna para ele impossível a consciência sensitiva e, com mais razão, a consciência intelectual ou refletida.

Ele é um alienado de si próprio, ou delirante; e por conseguinte, irresponsável pelos seus atos, a não ser que se prove o contrário.

Há vezes que nos parece que a imaginação representa, não uma imagem, mas sim o mesmo objeto imaginado, e há vezes, também, que, como vimos ela pode formar novas imagens que se originam de imagens e idéias pré-adquiridas.

No primeiro caso, devemos lembrar-nos que para reconhecermos se as coisas, que imaginamos, são ou não verdadeiras, é preciso que prestemos atenção ao que nos diz a inteligência a respeito deste fato. Porque, tudo quanto pode de alguma sorte impedir a inteligência de julgar sobre a realidade ou não realidade das coisas que imaginamos; parecer-nos-á não já que imaginávamos ou percebemos as imagens dos objetos que imaginamos; mas sim os mesmos objetos em si, tanto por parte da alma como do corpo, animado pela alma.

Por parte da alma, porque, todas as vezes, que a alma volta a sua atenção para um objeto, ela emprega toda a sua força e atividade no exercício de alguma das suas faculdades, permanecendo as outras, como que tolhidas de seu exercício.

Pelo que, sempre que ela se volta para o fantasma ou imagens do objeto, representando pela imaginação, permanecerá em dúvida sobre a sua realidade; e, muitas vezes, sobre a sua conveniência ou desconveniência.

Por parte do corpo, porque ele, por exemplo, no sono, como acontece com os que sonham, ou ainda fora do sono, como se dá com os febricitantes, não é capaz de julgar nem de raciocinar sobre a realidade dos fatos.

Sobre o dinamismo psíquico

É preciso termos em mente que os órgãos correspondentes a certas modificações, que se dão em nosso físico, se comportam como os nervos reflexos, os quais, provocados ou não, seguem o seu curso natural. E neste caso, seria mais difícil, em certas ocasiões, impedir os seus efeitos do que deixá-los prosseguir em sua marcha; porque ainda que indiretamente provocados, mas não intencionados, não poderão ser atribuídos ao indivíduo senão em causa, com tanto que ele não se deixe levar pelas suas naturais atrações.

Uma salutar resolução

Pelo que temos dito com relação aos sentidos internos, deduzimos que é necessário educá-los a fim de que não se oponham ao fim pelo qual Deus nos criou e nos colocou aqui sobre a terra. Porque, sem este expediente, vãos serão todos nossos esforços para alcançá-Lo. Pois é certo que quanto mais o ser se aproxima da perfeição que é inerente à sua natureza, tanto mais sentir-se-á feliz.

Ora, estes esforços, que fazemos para educar estas faculdades, já constituem como um início que nos conduzirá a essa felicidade concentrada a nossa natureza racional. Porquanto é por esta estrada coberta de rosas e de espinhos, que já aqui no tempo conseguiremos unirmo-nos intimamente com Deus pela caridade perfeita, a qual sem o domínio sobre nós mesmos, é impossível.

Custará um pouco no princípio, mas com a continuação metódica, a

perseverança e o auxílio de Deus, tornar-se-á fácil, em virtude dos bons hábitos que iremos, pouco a pouco, adquirindo. Tudo, então, tornar-se-á não só mais fácil; mas, além disto assaz consolador; muito embora até a derradeira hora, não nos cesse de importunar as conseqüências da luta para nos conservarmos sempre fiel a Deus; ora de uma forma, ora de outra forma; mas que, em ultima análise, não são senão disposições amorosas que estamos intimamente unidos.

Sobre a orientação da vontade

A vontade, como toda e qualquer faculdade, é por natureza perfeita, por conseguinte capaz de atingir os fins pelos quais nos foi concedida. E os atingiria se a culpa original não houvesse abalado profundamente a natureza humana transformando-a de tal forma que bem dificilmente o homem poderia ser reconhecido como tal, se naquele dia em que o primeiro casal se voltasse contra o seu criador, não lhe fosse prometido um Salvador.

Porque, conquanto no ser humano, pela sua origem e fins pelos quais Deus o destinara, tudo fosse perfeito; não obstante isto, esta perfeição, devido às circunstancias, em parte, alheias à sua vontade, e em parte, pela falta de cooperação à graça, há ocasiões em que o homem pensa e age como se fora um ser irracional, por causa da falta de uma boa e prudente orientação da vontade e da inteligência. Por falta de uma boa orientação da inteligência, porque, quando em outra direção a não assiste, a não ser a da razão natural, ela estará sujeita a muitos erros e destes erros também a vontade há de ressentir-se.

Por falta de uma boa orientação da vontade; porquanto, ainda que esta faculdade só deveria tender ao bem; contudo, muitas vezes, declina do bem para seguir o caminho oposto.

É necessário, portanto, predispor-la, fortificá-la e guiá-la pela razão bem ordenada, para que possa proceder de conformidade com o que é consentâneo à natureza racional.

Felizmente a vontade conquanto enfraquecida pela culpa original, ainda conserva a necessária energia para agir e reagir no sentido de optar pelos caminhos que a conduzem à perfeição.

E é assim que revertido o homem do seu primitivo vigor, pela graça, tornar-

se-ia admirável em seus empreendimentos. Pois ainda que, no princípio da sua conversão, pratique em substância, a perfeição, tempo virá em que ele entevar-lhe-ão(sic) a mente e o coração de tal maneira, que inteiramente transformado, o vereis ir sentar-se aos pés de Jesus Cristo como Maria, enquanto que Martha da sua vontade, outrora tão preocupada com as coisas materiais, compreenderá que é hoje mais feliz, porque trocou o seu papel de Martha, pelo de Maria, escolhendo com perspicácia, não humana, senão divina o que outrora nunca lograra possuir por falta de uma boa orientação da vontade e da inteligência.

Sobre o corpo e a alma

Sentimos com a alma, porém por intermédio do corpo, vitalizado pela mesma alma. E é por esta razão que não atribuímos somente à alma ou somente ao corpo, as sensações que experimentamos; mas sim, ao homem, que resulta da união substancial de alma com o seu próprio corpo.

Em segundo lugar, afirmamos que o corpo com todos seus órgãos ativos e passivos, entram em atividade, em conseqüência da presença da alma, que, qual força viva o assiste, informa e vitaliza; e que, conquanto os fenômenos que se dão, sejam uma conseqüência imediata das modificações produzidas por um agente extrínseco; todavia não vos é licito atribuí-los somente às propriedades inerentes a estes órgãos; mas sim, à influência imediata e imprescindível da alma, a qual é tão necessária, que se prescindirmos dela, os órgãos deixarão de funcionar e todo o ser humano, quanto à parte material, tenderá a resolver-se em seus elementos mais simples.

A alma, portanto, e o corpo agem e reagem conjuntamente na unidade da personalidade humana, como um todo harmônico e substancialmente unido.

Daqui deduzimos que, tratando-se de fenômenos independentes da nossa vontade, o concurso da alma é puramente material.

Não podemos dizer o mesmo com relação aos atos voluntários, porque, neste caso, o concurso da alma, além de ser material, é também formal, e por conseqüente, espontâneo e voluntário. Daí a culpabilidade, a inculpabilidade e o merecimento, segundo que, se trata de um ato pecaminoso, indiferente ou meritório.

Sobre o concurso de nossas almas

O concurso material da alma humana, com relação aos objetos que podem afetar as suas faculdades superiores e inferiores, constitui, muitas vezes, a causa porque algumas pessoas, aliás piedosas, se afligem e chegam a supor que pecaram. E não sem razão, porque tais impressões ou tendências, tanto do psiquismo animal, como do psiquismo racional, se manifestam na unidade da personalidade humana; e o indivíduo, não obstante detestá-las, sente inclinado a secundá-las, originando-se daí a luta entre os ditames da razão e os maus instintos; e daí também as dúvidas e incertezas. Mas com tais emergências tão angustiosas, se não pudermos resistir materialmente, ser-nos-á possível, com graça, resistirmos moralmente.

Há uma outra circunstância que pode contribuir para um falso suposto, e vem a ser, que sendo em nós a alma que sente, pensa e se emociona, embora por intermédio do corpo, parecer-nos-á que realmente prevaricamos, não nos lembrando nestas ocasiões de extrema confusão mental, que sentir e consentir não é a mesma coisa, e que, no nosso caso para que houvesse, seria preciso que sentindo, consentirmos no que sentimos.

Quando, porém podemos de alguma forma repelir ou fazemos positivamente e incontinentemente, desviando a nossa atenção para qualquer outro assunto e recorrendo a Deus com calma e confiança.

Mas se o objeto em si é bom, e só pelas circunstâncias concomitantes, ou acidentais, pode tornar-se mau ou perigoso, procuramos mudar de objeto ou esquecemo-nos do que é capaz de o envenenar.

Quanto ao corpo e aos órgãos que o constituem, tratando-se dos órgãos da vida orgânica ou vegetativa, também é possível indiretamente influirmos sobre eles. E dizer-se o mesmo sobre os agentes capazes de atuar sobre o físico, agitando-os direta ou indiretamente de conformidade com os ditames da razão e da fé.

Como exercemos esta salutar ação sobre os sentidos

Podemos agir diretamente, sobre os sentidos internos, procedendo de tal forma que os seus órgãos correspondentes não possam ser atingidos pelos seus objetos respectivos; e indiretamente, cercado a ação que cada um deles possa exercer sobre os

outros.

Assim agimos sobre o senso comum, removendo todos os objetos, que por ventura possam impressionar os órgãos periféricos; e, por este mesmo fato, agiremos indiretamente sobre a memória e a imaginação. Agimos sobre a memória, evitando toda lembrança, todo pensamento ou sentimento, que por acaso possa influir sobre a fantasia; e assim agiremos indiretamente também sobre a imaginação.

Agimos sobre a imaginação, não dando ocasião a que ela possa a seu bel-prazer, divagar e fantasiar; e desta maneira, agiremos indiretamente sobre nossas idéias, pensamentos e sentimentos; e por conseguinte, conseguiremos esse domínio ou equilíbrio primitivo, onde tinha origem aquela paz e tranqüilidade, da qual desfrutavam nossos primeiros pais, e da qual ainda hoje gozam as almas justas, pela posse habitual da graça santificante e pelos esforços que fazem para progredirem cada vez mais no caminho que conduz a perfeição cristã.

Sobre a vontade

Querer é ter força de vontade, e esta força todos a possuem, quem mais quem menos; porque a força da vontade é para o homem racional o que sistema nervoso e o muscular, é para o homem animal.

Ela é, portanto, o nervo, o músculo onde reside a força psíquica, e por conseguinte, a maior das forças, por que ela só pode ser vencida por si mesma; isto é, pela própria vontade, da qual ela irradia como a mais poderosa das energias, qual é a que se manifesta pela força moral.

O que se faz preciso, é saber querer, porque, a maior parte dos que dizem que tem força da vontade, a não possuem senão aparentemente; pois, em prática, a que eles mostram possuir, é apenas uma veleidade ou uma vontade um estado embrionário.

Vontades como estas, as consideramos como um começar ou despertar de vontade ou uma lenta e incerta transição de potência para o ato; cujo trânsito oscilante, depende da determinação de um agente capaz de movê-la eficazmente. Porque a vontade é como o motor que tem em si, porém, em potências, uma força; a qual só poderá reduzir-se ao ato ou pôr-se em ação, mediante um agente.

Ora, esta força viva ou agente é a da inteligência ou a da própria vontade, agindo por si, depois de uma prévia consulta com razão, raiz e fundamento da liberdade.

Este agente, portanto, é o que, pela inteligência e, indiretamente, pelos sentidos, move e impele a vontade a operar livremente, ou pela necessidade inerente à sua natureza.

Assim é a força de vontade, o empenho e a atividade que manifesta o homem para se livrar da morte do pecado, impelindo pelo amor de Deus e seu próprio interesse na vida de além-túmulo.

É a força de vontade, os meios dos quais se servem as almas justas para se vencerem e se elevarem na perfeição, no intuito de unificarem a sua vontade com o divino beneplácito.

Por último, diremos que a vontade, quando bem orientada, é da alma, refletida, racional, constante, prudente, sofredora e operosa; cheia de confiança em Deus e resignada, é forte, enérgica e ao mesmo tempo dócil, flexível, maleável, e que suas conseqüências, se parecem muito com a caridade, a qual vence a tudo, triunfa até de si própria e da mesma morte.

Distúrbios da vontade

O enfraquecimento ou deficiência da vontade, é devido uma aberração da inteligência ou do apetite sensitivo. E a perda do seu poder inibidor é uma conseqüência de certos estados anormais ou doentios, nos quais a vida de relação se mostra mais ou menos profundamente alterada.

No caso de enfraquecimento ou deficiência da vontade, o indivíduo é ainda senhor de si e é responsável pelos seus atos.

No caso, porém, em que a vida de relação está mais ou menos perturbada, ele não é responsável pelos atos, a não ser que se prove o contrário; porque ele age inconscientemente sob a ação do psiquismo animal ou do automatismo.

Em todo caso, ainda aqui, ele pode ser culpado indiretamente, enquanto que prevendo as conseqüências, pela experiência própria, expõe-se temerariamente a entrar ou cair em tentação. E pecará, portanto, gravemente ou não, segundo que a causa era ou não grave, ainda mais se consentir em se diletar(sic) das suas conseqüências. Porque se a vontade que, por sua natureza tenda ao bem, se tornar deficiente; é sinal evidente que alguma forma contribuiu, ainda que a má tendência se manifesta por si e espontaneamente.

Ora esta fraqueza pressupõe um estado doentio ou um mau hábito adquirido, que antes de qualquer previsão e ainda mesmo com ela, o arrastou ao mal, à semelhança de um impulsionado ou ser irracional.

Sobre o automatismo

Dá-se o nome do automatismo a esse conjunto de tendências congênicas e adquiridas, as quais, no estado normal, permanecem sob a fiscalização da atenção, da consciência e do poder inibidor da vontade.

Nos estados anormais tais tendências invadem o campo da consciência, iniciando-se as idéias e as imagens ruins que nela figuram, perturbando e tornando impossível a vida de relação psíquica.

É necessário, portanto; tomar todas as precauções afim de que não se possam verificar estas tumultuosas invasões por nossa própria culpa, temeridade e falta de mortificação; porque o homem só peca após haver entrado por culpa própria e conscientemente um estado anormal, no qual a vontade perdendo o seu inibidor, dá ocasião a que o automatismo psíquico ou psicológico se manifeste insuflado pela imaginação, as paixões e os maus instintos. E esta é a razão porque depois da tempestade, voltando a seu estado natural, permanece atônito e admirado, como pondo com conhecimento de causa e sem a mínima coerção por parte de quem quer que seja, deixar-se arrastar pelo mal. Mas é culpado, porque sem consciência que pecou porque quis. Ele é culpado porque reconhecia que todo o pensamento consentido engendra um desejo e este desejo não combatido produz em movimento que independente da vontade, coloca o indivíduo em um estado anormal, onde automatismo se manifesta, a semelhança de um novo reflexo movimental, prosseguirá a sua marcha.

A inteligência

A inteligência é a faculdade que nos faz conhecer e penetrar no sentido a natureza das coisas, a qual nos foi concedida para que do conhecimento do mundo visível, remontássemos ao do mundo invisível e chegássemos a conhecer, pela revelação, os nossos deveres para com Deus e os nossos semelhantes.

Não obstante isto, nos servimos da inteligência com fins, muitas vezes, contrários aqueles pelos quais Deus nos a outorgou, prejudicando-nos a nós e ao nosso próximo. E, com tanta ingratidão e temeridade, que, ainda assim, nos voltamos contra o criador, como se ele fora a causa de nossas quedas no pecado e dos males que nos oprimem.

E ainda assim, Deus houve por bem criar o homem e conservá-lo sobre a superfície da terra, circundando-o de todos os meios para que pudesse voltar à sua amizade e estado de graça.

É que, apesar de tantas ingratidões, que remontam aos dias paradisíacos; apesar do homem ser uma partícula arrojada(sic) a esses imensos espaços, também ele entrava em seus planos divinos. Não porque precisasse do homem para completar a sua glória e felicidade, visto ele ser suficiente a si próprio e em si mesmo, e se por sua natureza, infinitamente felicíssimo e gloriíssimo.

Não obstante isto, porque criara o homem à sua imagem e semelhança, o amava e se comprazia em contemplá-lo como a mais perfeita e formosa criatura que ele criara sobre a superfície da terra.

E é por este motivo que o profeta diante desta ingratidão do homem, referindo-se a ele, exclama cheio de ternura e dor, e tu o criaste, com pouca diferença semelhante aos anjos.

Sobre a mútua e relativa independência ante a alma e o corpo.

Conquanto a vida sensitiva e intelectual no homem, lhe seja comunicada e mantida pela alma, primeiro princípio da vida e atividade do ser humano; todavia, tanto o homem animal como o racional, exerceu, no indivíduo, as suas funções independentemente um do outro, quanto as operações que tem por sujeito a alma humana ou o corpo animado pela sua ação.

E se em prática, não atribuímos nem só ao corpo e nem só a alma, as operações correspondentes a estas duas substâncias; é porque elas se realizam na unidade do ser, da qual resulta uma terceira substância, isto é o homem.

Seguindo-se daqui, que nem tudo o que se passa no homem, poder-se-á atribuir ao homem como tal. Porque, muito embora alguns atos sejam elaborados pelo homem inferior ou pelo superior; há vezes, porém, que estes atos, não se podem atribuir

a personalidade humana; porque, conquanto sejam atos do homem. Contudo não são atos humanos, por falta de reflexão ou devido a impossibilidade física ou moral para impedi-las, como acontece com os alienados e os impulsionados, num momento de alucinação ou delírio passageiro, produzido por causa física ou moral.

Não se dariam tais observações, se nossos primeiros pais não tivessem pecados e fossem confirmados no estado de graça e retidão em que haviam sido criados, porque, tendo Deus criado o homem, com pouca diferença, semelhante aos anjos, o homem superior dominaria sobre o inferior, porque a sua vontade havia de identificar-se sempre à vontade divina, verificando-se assim em admirável equilíbrio entre as tendências do homem animal e do racional.

E todos os esforços que, depois da culpa original, o homem faz para se acomodar ao fim; pelo qual ele foi criado, têm por escopo proporcionar, a si próprio, os meios mais eficazes, a fim de que o homem superior, sempre impere sobre o inferior em todos os atos dependentes de sua vontade.

Pelo que, quanto mais, na presente economia, aumentarem estes esforços, tanto mais o homem aproximar-se-á da perfeição de Jesus Cristo, que sem termo de comparação, superou as virtudes e perfeições dos nossos primeiros pais.

E estes esforços que outra coisa não são senão a virtude, Jesus Cristo exige de cada um de nós, a fim de que, pela prática do bem e uso dos sacramentos, nos sejam aplicados os merecimentos de sua vida, paixão e morte, sem os quais não poderíamos merecer para a vida eterna, nem reagirmos contra as seduções do mundo, da carne e do Satanás.

Sobre a consciência.

A consciência é o conhecimento reflexo que o homem tem de seus atos tanto sensitivos como intelectuais, ainda que os sensitivos sejam provenientes dos centros nervosos e seus anexos.

O homem, portanto quando procede conscientemente, não só sente e entende; mas, além disto, em consequência de uma ação reflexa sobre seus atos sensitivos e intelectuais, conhece que sente e entende; isto é, sem consciência dos seus atos.

A consciência, segundo que se refere a conhecimentos sensitivos ou

intelectuais, divide-se em consciência intelectual, propriamente dita, e em consciência sensitiva, a qual é comum com a que possuem os animais.

A consciência sensitiva para o animal constitui um conhecimento objetivo, porque ele não tem conhecimento reflexo, como o homem, de seus atos e operações; porque a alma do animal, pelo fato de não ser espiritual, não pode refletir nem sobre si mesmo, nem sobre seus atos ou operações.

Daqui deduzimos que quando o homem não está em condições de poder refletir sobre si mesmo nem sobre seu atos, agirá inconscientemente.

Ora, a inconsciência psicológica, quando perturbada, representa um dos mais sérios distúrbios da vida de relação psíquica.

E estas perturbações em geral, são produzidas pela demasiada distinção ou concentração da alteração, proveniente muitas vezes, de estados anormais passageiros ou doentios.

A consciência psicológica divide-se em habitual e atual. A habitual é o conhecimento que o indivíduo tem de sua própria existência e de tudo quanto nele se passa e de tudo quanto nele se passa e fora dele.

A consciência atual é o conhecimento que ele tem das modificações ou operações que se dão em si no momento, em virtude da consciência habitual. Quando o indivíduo perde a consciência habitual, não pode conscienciar(sic) o que atualmente se passa em si ou em volta de si.

E quando além disto, ele chega a perder a consciência sensitiva, a vida de relação desaparecerá tanto do psiquismo superior como do inferior. E neste caso ele viverá tão somente da vida vegetativa ou de nutrição, assemelhando-se mais à uma planta do que a um ser humano.

E quando o homem que chega a perder a presença habitual de Deus pelo sentimento da fé, ele procederá como se fora um ser inconsciente, confundindo-se com os irracionais. Mas ele é sempre culpado, a não ser que se prove que ele procedeu ou procede como um ser psicologicamente inconsciente.

Sobre as idéias

A idéia tem o seu objeto correspondente, porque ela o representa. Assim a idéia do homem é o mesmo homem. A idéia pode referir-se a objetos existentes e não

existentes; porem, passíveis, pode também se referir as propriedades dos objetos ou dos corpos; e finalmente, as causa aos efeitos ou dos corpos

A idéia não é limitada ao particular; mas se estende a todos os objetos ou as causas por ela designadas. Assim a idéia do homem não se refere a este ou aquele homem, mas todos os indivíduos pertencentes a espécie humana. Porque a idéia não é nem o objeto, nem a imagem do objeto, mas noções em virtude dos quais os seus objetos correspondentes são conhecidos, tais como acima dissemos, a idéia é a representação mental do objeto.

A idéia, por um processo inverso, pode suscitar a imagem do objeto correspondente e pela fantasia ou imaginação, representá-lo como se estivesse presente a alma, em virtude de um fenômeno de idioplastia, como sucede no sono e em certos estados anormais.

E são estas alucinações vindas de fora para dentro ou de dentro para fora, que no estado normal, que fazem com o homem conscientemente decline da lei divina, para fruir de uma felicidade ainda que inesperada e efêmera.

A força dinâmica das idéias

O dinamismo das idéias é tão evidente que negá-lo, seria o mesmo que negar os fatos que o estão confirmado. Ele é uma força, porque toda idéia externada pelo gesto, pela escrita ou pela palavra, é capaz de produzir uma modificação mais ou menos profunda em nossos semelhantes e idêntica a que experimentamos antes de a externarmos.

E é baseada neste fato que grandes tribunos e oradores arrebatam o auditório e convulsionam as multidões. A força dinâmica das idéias vai ainda mais longe, porque a cada pensamento, correspondente um movimento imperceptível que é capaz de afetar tanto o psiquismo superior como o inferior.

E estes movimentos, são de tal natureza, que vão se traduzir exteriormente pela ressonância que existe entre eles e os seus órgãos correspondentes.

A educação moral consiste em fazer a relação do que nos convém ou não, como seres inteligentes a dotados de vontade, subordinando estes movimentos aos ditames da razão iluminada pela fé. Pois, é desta relação com relação(sic) ao que é consentâneo ou não, a nossa natureza que encontramos a razão de ser substituir do

merecimento e do castigo.

Sem o dinamismo das idéias, ou o homem deixaria de existir moralmente, e se não obstante isto, ele continuasse a viver, não viveria, vegetaria, evoluindo com sua órbita silenciosa e quase inconsciente, para logo desaparecer do sumário desta vida, deixando após de si um como(sic) vestígio ou lastro dolosos de sua passagem sobre a superfície da Terra.

É necessário, portanto, acautelarmos com relação às idéias lembradas, ouvidas proferidas ou externadas, e ainda mais com relação a estas últimas, pelos imensos males que elas podem produzir em nossos semelhantes, em virtude dessa força dinâmica que elas em si encerram; porque a idéia, em força de seu dinamismo, tende sempre a triunfar da inteligência e do coração pela magia da palavra escrita ou articulada.

Porquanto, a cada idéia corresponde em nossa alma um vestígio ou imagem que permanecerá gravada na memória e que sempre voltará a reproduzir-se, impressionando-nos e solicitando ao bem ou ao mal. Com mais freqüência ainda quando se trata do mal; porque conquanto a vontade, por sua natureza, tenda ao bem, nesta ocasiões, nos sentirmos mais inclinados ao mal, pelas impressões anteriormente experimentadas, as quais por sua vez deixaram em nossa memória traços indeléveis que com violência sempre crescente nos inclinarão e precipitarão no mal; estabelecendo esta como segunda natureza adicional, a qual chamamos de mau hábito.

Aberrações da vontade

É a liberdade a faculdade que tem o homem de se determinar ao bem e ao mal, ainda que, em virtude das exigências da sua natureza racional, ele só deveria optar pelo bem.

Não obstante isto, ele tende muitas vezes ao mal; porque, não possuindo um conhecimento evidente e sensível da natureza de Deus, como o possui da sua existência poderá determinar-se a agir em sentido contrario ao dá sua vontade e inteligência, violando a lei divina; muito embora, ainda assim; não possa deixar de o reconhecer como seu Deus e de tender(sic).

Seguindo-se daqui que conquanto o homem não possa deixar de o conhecer e sentir-se inclinado a Ele por uma necessidade intrínseca; todavia pode deixar de secundar este sentimento abusando da sua liberdade da ação e de eleição; mas também,

porque o conhecimento que ele tem de Deus, conquanto esclarecido pela revelação divina, não é evidente como é o que ele tem da sua existência e das que podem afetar os seus sentidos.

E é precisamente esta circunstância, que o leva vezes a optar pelo mal; porque quando ele tendo as criaturas, julga que elas podem constituir o objeto da sua felicidade, ainda que ele perceba que vai contra a lei divina, pela intensa impressão e atração que elas exercem sobre nossos sentidos, arrastando a nossa vontade em um momento de verdadeira alucinação, que nos faz quase esquecer de Deus.

Se pudéssemos ver a Deus como vemos as criaturas, tenderíamos sempre a Ele, não só pela inteligência, mas também pela vontade, sem jamais declinarmos nem da verdade nem da justiça.

Ver, porém, a Deus como vemos as criaturas é impossível; porque esta ventura constitui a visão benéfica, da qual só podemos gozar quando de posse da bem-aventurança.

Assim é que todo homem que procede de um modo contrário a lei divina, abusando da sua liberdade; conspira a ordem pré estabelecida pelo Criador, e por conseguinte, contra a própria felicidade, e faz-se rei ante o conspecto divino, se pela dor e o arrependimento, não recuperar a sua liberdade perdida.

Pelo que, aqueles que, como Paulo, souberam crucificar as suas paixões e maus instintos, embora, como ele, moralmente penderem da cruz, aparentassem que haviam perdido a sua liberdade, a conseguiram e a conservaram até o derradeiro instante em que, arrebatados à mansão dos justos, O contemplaram de face a face.

O bom hábito adquirido

Adquirido o bom hábito, sob nenhum pretexto, devemos facilitar, colocando em ocasiões perigosas, ainda que remotas, e não necessárias, principalmente se pela experiência do passado, percebemos, que contra as nossas intenções, podemos entrar em tentação, e voltar às misérias de outrora. Porque, como sucede com os males que deprimem o nosso psíquico, as recolhidas ao pecado, costumam ser fatais.

Sejamos, pois, prudentes e precavidos e a lembrança do passado, talvez tão cheio de lutas, de humilhação e aflição de espírito, e por outro lado, a paz e tranqüilidade que presentemente gozamos, nos sirva de estímulo [para] nunca mais nos expormos aos

perigos e embaraços de outrora, confinados temerariamente em nossas forças ou no bom hábito adquirido, sobretudo tratando-se da castidade.

Além disto, devemos ter em mente, que depois de estabelecido o bom hábito, se o cultivarmos, procurando progredir no caminho que a perfeição cristã, lá chegaremos com mais facilidade e contentamento; porque, todo dom de Deus é perfeito, e os dons principalmente da castidade são uns dos maiores e mais preciosos o qual Deus nosso Senhor costuma conceder às almas daqueles que lhe são muito caros e que ele tenciona guiá-los por caminhos muito elevados a que os conduzirão às culminâncias da perfeição e do seu amor.

É necessário, portanto, que aquelas almas que foram favorecidas com o dom da castidade, se aproveitam das ocasiões oportunas, para mostrarem a sua gratidão pelo desejo ardente e eficaz de se unirem, cada vez mais, a Deus pelos vínculos da caridade, a qual tanto mais há de expandir-se em seus corações quanto mais elas se aproximarem da pureza dos anjos.

O que verificar-se-á à proporção que elas forem se esquecendo do invólucro da matéria, para se unirem mais intimamente com Deus. E um dos meios mais eficazes e seguros, é a devoção a Maria Santíssima, cuja pureza e humildade, tanto agradaram a Deus, que a escolheu para sua Santa Mãe.

Depois do amor a Jesus Cristo, é o amor a Maria Santíssima, constante e operoso, que se deve manifestar em todas as nossas ações pela imitação de suas heróicas virtudes.

Tudo, pois, por amor a Jesus Cristo e a Maria Santíssima; tudo por amor a Jesus, nosso irmão muito amado e a Maria Santíssima, nossa carinhosa Mãe; tudo por amor a Jesus, nosso amantíssimo Redentor e a Maria Santíssima, nossa protetora e insigne advogada; tudo por amor, numa palavra ao coração adorável de Jesus e ao coração imaculado de Maria Santíssima, nossa consolação, nossa vida, nossa esperança no tempo e na eternidade. Estas modificações se manifestam em nós ou em nossos semelhantes, sobretudo tratando-se da pureza da alma e do corpo.

Sobre as paixões

Conquanto se use desta palavra para exprimir um movimento veemente ao bem ou ao mal; todavia, em seu sentido estreito, a paixão é uma modificação ativa ou

passiva do apetite sensitivo. Não obstante isto, pela íntima relação que existe entre a alma e o corpo, estas modificações podem redundar no psiquismo superior; assim como, os deste último, podem refletir-se no psiquismo inferior, alterando-o mais ou menos profundamente, segundo a sensibilidade do indivíduo ou a intensidade das emoções espirituais. Como o apetite sensitivo, também o apetite intelectual ou a vontade, tem os seus objetos correspondentes, e há, entre estes, alguns que podem afetar o apetite sensitivo e o intelectual, ainda que de modo muito diferente.

Daqui deduzimos, que, podendo o homem tender a um dado objeto, pela inteligência e pelo instinto animal; é necessário que ele se acautele, porque não só o apetite sensitivo, mas ainda o intelectual permitido, podem nivelá-lo com os seres irracionais, quando, levado mais pelo instinto do que pela razão, é movido indiretamente, pelo que há neles de imaterial e pode impressioná-lo espiritualmente. Porque, dado, que este mesmo objeto possa por si afetar o seu psíquico inferior, ele será duplamente atraído.

Ora, como bem se vê, deve ser grande e constante o nosso cuidado, ainda que se tratasse de um objeto adequado às nossas tendências, tanto por parte da alma como do corpo, porém, não consentâneos à nossa natureza racional, se não em si; ao menos, pelo mau uso ou abuso ou porque são antagonistas ou, finalmente, porque são indiferentes com relação às tendências do psíquico superior, e aceitáveis com relação ao psiquismo inferior ou vice-versa.

Não obstante isto, propriamente falando, não é a alma que se deleita, quando se trata de um prazer material, ainda que seja ela que no corpo sente; mas sim o físico informado pela alma, isto é o homem, como sucede com os animais; a não ser que com o prazer material, esteja anexo um gozo espiritual; pois, a alma, por sua natureza, não tenderia ao prazer material, se não fosse arrastada pelo corpo que ela vitaliza, porque ela participa da natureza dos anjos, visto como eles ser também uma substância espiritual, que pelo fato de animar um corpo, chama-se alma.

Quem, portanto, propriamente falando, se dilata, é o homem. E a alma neste caso, participa da ação material a seu modo e porque consente. E é por este motivo que se ela não consentir, embora sinta o corpo, não peca; porque há no prazer material alguma coisa que por ser simples, pode afetar a alma, enquanto o corpo animado pelo mesmo goza a seu modo.

Que isto dizer, que a alma racional animando o corpo, entra nas atribuições ou atributos da alma do animal irracional, cujo lugar, ela ocupa no animal homem.

Mas o corpo do homem age e reage em prática, com o do irracional animado por uma alma material embora simples.

Convencidos os santos das necessidades de velar sobre estas tendências, conseguiram pela mortificação e a fuga das ocasiões perigosas, dominar e raptar de tal forma as suas paixões e maus instintos, que se pareciam mais a anjos do que a seres humanos, sujeitos as tristes conseqüências do pecado original e deram assim provas evidentes que com a graça do Alto e os nossos esforços, antes mesmo da ressurreição da carne, e possível, de alguma sorte, viver-se da vida de espírito.

Homem ou animal?

Que o ato conjugal represente uma parte integrante do matrimônio, compreendendo-se, tendo em vista o fim pelo qual o matrimônio foi instituído; mas que este ato constitua uma necessidade psicológica imprescindível, sobre tudo para aqueles que o desconhecem praticamente; foi sempre para nós uma proposição assaz esdrúxula, porque contraria a mesma natureza racional do homem; porquanto não têm sido raros os casos em que indivíduos, ainda mesmo ligados pelos vínculos do matrimônio, por fins sobrenaturais e de mútuo acordo, renunciaram aos seus direitos, praticando a continência absoluta.

Afirmar, portanto, que os atos profligadores constituem uma necessidade fisiológica absoluta, seria confundir a tendência natural com o ato, que ele vai engendrar; seria reduzir o homem as condições dos seres irracionais, para o qual estas tendências traduzem uma lei fatal é instintiva, em virtude da qual os animais tendem, impulsionados por uma necessidade fatal e inerente à sua natureza.

É verdade que as pessoas de sexos diferentes, como o bruto sentem também este pendor, pelo mesmo fato de serem compostos de alma e de corpo; porém, este pendor não traduz para ele uma lei fatal, porque a sua alma além de ser uma alma racional, exerce pelas suas faculdades superiores, em pleno domínio sobre as suas faculdades inferiores.

E se me disserem que tem havido muitas pessoas inocentes e naturais pela sua pureza da alma e de corpo, as quais, não obstante isto, se curvaram diante das exigências desta lei. Responderíamos que semelhantes fatos, não confirmam esta asserção; mas sim que quem ama o perigo ou não foge das ocasiões, reduzir-se-á às

condições do homem trivial, abandonando aos recursos de sua própria natureza decaída. Porque a afeição cultivada entre pessoas de sexos diferentes, pode degenerar em paixão desordenada, e de um momento para outro, precipitá-las no mal.

E isto acontece quando se soma a certas manifestações de afetos, ainda que lícitas; mas com o volver dos tempos, não de encontrar no físico os seus correlativos, os quais constituem os pródomos uma queda fatal e muitas vezes irremediável.

As tentações violentas

Nas tentações mais ou menos violentas, com profundas alterações do tônus vital, conquanto muitas vezes o indivíduo proceda com conhecimento de que está fazendo ou do que se passa consigo mesmo; quase sempre após a tempestade, ele permanecerá em um estado de angústia e incerteza com relação a sua culpabilidade; em vista da impossibilidade de poder julgar ao certo, quando menos com relação ao seu pleno conhecimento. E este estado além de ser assaz angustioso e também muito perigoso. Nestes casos, é necessário que o paciente volte toda a sua atenção para Deus, e prescindir de tudo aquilo que alguma forma pode contribuir ainda que indiscretamente para prolongar ou recrudescer a tentação. E tem todas as precauções para que nunca mais possam reproduzir estas tentações, contribuindo para elas, máxima(sic) se pelo seu temperamento ou algum mau hábito adquirido, sempre que se acha nestas ocasiões procede em geral como um verdadeiro impulsionador ou lance moral.

Os excessos

Os excessos dos prazeres ainda que lícitos são muitas vezes as causas da perdição dos que a eles se dão. Porque há entre os centros nervosos generianos uma relação tão íntima, que quando um desses centros é atingido eficazmente pelo seu objeto correspondente, o outro se ressentir e de tal sorte que acabará por solicitar o indivíduo ao mal, ainda mesmo independente da sua vontade. Do prazer puramente sensível, passará, quase sem perceber ao ilícito, e com tal impetuosidade e dilatação que, mais tarde, em condições idênticas, proceda ao prazer puramente sensível, como um meio para atingir ao ilícito, atribuindo e solicitando pela lembrança da ostentuosidade(sic) que

experimentara quando pela primeira vez a sentir e consentir. É a triste historia de todos aqueles que se deram aos excessos dos prazeres ainda que lícitos e honestos; passam, suficientes para muitos outros prazeres por eles até então desconhecidos, quando menos praticamente.

Neste erro tem cabido as almas puras e inocentes que procuram com as manifestações exteriores significar o mútuo afeto. Neste erro tem cabido aos que se dão imprudentemente a certas práticas e adaptam certos erros e costumes que repugnam a modéstia e a compostura moral e física que constituem o apanágio das que se prezam e amam as virtudes que tanto assemelham aos anjos, as criaturas ressentidas do invólucro da matéria.

Conseqüências fatais de certos usos e costumes criminosos.

A amputação de certos órgãos como o uso de certos medicamentos e meios mecânicos para evitar a procriação traz consigo conseqüências bem tristes, e muitas vezes, alarmantes para o sexo feminino principalmente. Pois, estes usos e costumes criminosos, produzem na mulher os mesmos efeitos que se observam nos homens devido a idade ou ao abuso dos atos proliferadores.

Do erotismo psicológico, sucede o erotismo mental, que leva o paciente a servir-se de meios contrários à natureza, no íntimo de suprir esta deficiência produzida pela falta ou amputação de certos órgãos e dos seus anexos. Elas, neste caso, se reduzem às condições de uma moça que entrou na puberdade, e se não fora possuir um perfeito conhecimento, pelo matrimônio, destas inclinações, se deram às práticas mais degradantes, como infelizmente tem sucedido com algumas destas infelizes criaturas, que antes destes usos e costumes criminosos, eram tidas como esposas modelos e mães carinhosas.

Não obstante isto, em confirmação do que dizemos com referência ao seu erotismo mental, os vereis com muita arte e dissimulação, procurando quanto é possível guardar as conveniências sociais, lançar mão de todos os meios que de alguma possam satisfazer as suas inclinações distintas pelo o seu erotismo mental.

Precauções necessárias

Quando, pelo que experimentarmos, tivermos consciência que progredimos nos caminhos do Senhor; no que não há orgulho, porque é humilde reconhecer que todo bem que há em nós é devido a uma mercê de Deus, sem a qual seriam vão todos os nossos esforços.

Quando, pois, chegarmos a esta quadra da vida espiritual, só nos restará procurarmos um prudente e sábio diretor espiritual, se por ventura ainda não o tivermos, ao qual entregaremos a direção de nossas almas, com a mesma confiança com que o enfermo confia ao esculápio a sua vida.

Em todo caso, toda nossa atenção, desde o início, da vida espiritual, deverá voltar-se para o nosso amor próprio, solapando-o pelos fundamentos, com o prescindir do nosso eu ou personalidade, principalmente se ocuparmos posição saliente ou formas(sic) apontando como personalidade indispensável nos grandes acontecimentos. Pois, dentre todas as medidas, esta é uma das mais seguras e eficazes para determos as ciladas e os ímpetos do amor próprio que muitas vezes, vai apresentar-se revestido de um falso zelo para com a glória de Deus e a satisfação das almas.

Neste erro têm incorrido muitas pessoas piedosas, e não é muito difícil conhecê-las, porque, em geral, elas têm muito apego às próprias opiniões e dão sempre a conhecer que querem agir de modo próprio, não admitindo observações contrárias aos seus planos ou modo de pensar.

A neurose da alma

A neurose da alma, remotamente, é uma conseqüência da culpa de origem, e proximamente, é um efeito dos estigmas dos pecados atuais ou individuais. E há tanta analogia entre a neurose da alma e do corpo, que não raras vezes, se torna bem difícil diferenciá-las. Pois, assim como os efeitos da neurose do corpo redundam na alma; assim também as conseqüências da neurose da alma se refletem no corpo. A neurose do corpo é sua conseqüência da falta de energia vital, cuja privação, produz um desequilíbrio ou perturbação no organismo, a qual pode às vezes, estender-se às faculdades intelectuais, segundo que a intoxicação do organismo é mais ou menos profunda.

A neurose da alma que é também devido à perda da energia da graça ou falta dos carismas concomitantes, produz na alma um desequilíbrio ou perturbação das

faculdades superiores, o qual pode estender-se às faculdades orgânicas, simulando, pelas suas características, a uma verdadeira neurose de origem somática.

Vai, disse Jesus Cristo a muitos enfermos, por ele curados, e não queiras mais pecar, afim de que não te suceda coisa pior. Dando assim a entender que muitas doenças têm a sua origem no pecado, que afetando o psiquismo superior, costumam redundar no inferior.

Daqui podemos deduzir a importância do estudo sobre esta parte da psicologia, para que não se venha a confundir os efeitos com a causa e vice-versa.

A neurose, tanto da alma como do corpo, é sempre uma consequência da violação da uma lei que rege a natureza, a qual não pode ser violada, sem que o indivíduo, mais cedo ou mais tarde, não venha a experimentar os seus efeitos.

Assim é que tudo aquilo não for consentâneo à natureza humana, tanto por parte do homem racional como do animal, há de manifestar-se necessariamente através da neurose da alma ou do corpo, comprometendo o bem estar material ou espiritual do indivíduo. Portanto, se o homem racional não procurar conformar-se ao fim pelo qual foi criado, sucederá com ele o que se verifica em todo aquele que vai de encontro às leis que regem a natureza. Com esta diferença que as consequências da violência das leis que regem o mundo físico, tornam-se mais ou menos sensíveis; não sucedendo assim quando se vai de encontro às leis que regem o mundo espiritual.

E é por este motivo que aqueles que vivem sob a pressão da neurose da alma, podem ocultá-la, e ainda, não se preocuparem dela; quando, redundando no físico, não chega a prejudicá-los materialmente. Porque pode acontecer que do estado agudo, passe ao estado crônico. E neste caso, em seus acessos, procuraram anestesiar a própria dor moral e sufocar os seus remorsos, entregando-se à embriaguez dos prazeres ainda que ilícitos.

Mas se eles não perderem a fé, hão de sentir sempre lhes remorder a consciência, e hão de ter momentos em que, se horrorizando do próprio estado, se esforçaram para arrepiar carreira; porém em vão; porque, em virtude da profunda astenia de suas almas, sentir-se-ão exaustos e quase serem forças para reagirem e se libertarem do abismo em que o pecado os arrojou. Porquanto, eles se acham nas mesmas condições do homem viciado que, apesar de ver e ponderar o mal que faz a si próprio e aos seus, apesar de conhecer os perigos a que se expõem e os vexames pelos quais tem passado; prossegue, não obstante isto, a embriagar-se cada vez mais pelas veredas tortuosas as quais o vício inveterado o conduz.

Assim também sucede com os indivíduos que gemem sob o peso da neurose da alma.

Em todo caso para Deus nada é impossível, principalmente se ele por alguns dias se afastar do mundo, para a sós conversar com Deus fazendo os seus exercícios espirituais, ainda que, como geralmente sucede, não se sinta muito inclinado em virtude astenia da alma.

Conseqüências

Quando o indivíduo, apesar da boa vontade e os firmes propósitos, cede a certas tentações (principalmente com relação a própria pessoa), não obstante estar convencido pela experiência do passado, que finalmente passará do lícito; é preciso classificá-lo entre os seres anormais ou ainda muito porém(sic) mortificados.

Em geral, tais propensões ou tentações são provenientes de maus hábitos adquiridos em épocas remotas, e, cujos efeitos hão de se manifestar através da sua vida, apesar de arrependidos terem confessado as suas culpas e misérias.

São as conseqüências dos estigmas ou de estados anteriores de consciência armazenados no subconsciente, sopitados no estado normal, pela fiscalização da atenção e o poder inibidor da vontade, mas que nos estados anormais, ou da tentação suportam a vontade intelectual, antes e ainda depois do indivíduo se haver determinado em sentido contrario, em virtude da veemência da paixão e do automatismo fisiológico.

Fenômenos que não o deixam de encher de admiração e angustia; porque ele tem consciência de tudo que se passou com ele e se lembra perfeitamente que procedeu com conhecimento da causa; mas não se lembra que quando quis resistir, a vontade tornou-se deficiente, porque pelo mau hábito adquirido e os órgãos correspondentes dirigidos pelos objetos correspondentes, porém foi suplantado e arrastado pelo automatismo fisiológico. Impulsionados agem como os nossos reflexos rudimentares ele aqui como verdadeiro impulsionado [em força do determinismo fisiológico], ainda mesmo no momento em que se lembra de [tempo não desviado ou completado, a qual] [do lugar que a vontade não seja] Deus e o invocara. [Suplantado pela sensitiva e a virtude do automatismo fisiológico].

Acrescentar folha b 41